

As relações entre textos (Intertextualidade)

Leia os fragmentos seguintes:

*Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores:
"Nossos bosques têm mais vida"
"Nossa vida", no teu seio, "mais amores."*

(Hino Nacional Brasileiro)

*Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil reis a dúzia.*

(*Canção do exílio*, Murilo Mendes.)

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

(*Canção do exílio*, Gonçalves Dias.)

Os três textos são semelhantes. O texto de Gonçalves Dias é anterior aos dois primeiros: observe que os outros dois textos fazem alusão àquele. Os dois primeiros **citam** o texto de Gonçalves Dias.

Ao ler percebemos com muita frequência textos que retomam passagens de outro. Quando se trata de um texto de caráter científico, ao citar outros o autor o faz de maneira **explícita**: o texto citado vem entre aspas e em nota (rodapé ou ao final) ele indica a fonte, ou seja, o autor e o livro de onde extraiu a citação.

Num texto literário, a citação de outros textos é **implícita**, ou seja, um poeta ou romancista não indica o autor e a obra da qual retira as passagens citadas, pois **pressupõe** que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito das obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos, históricos são necessários, muitas vezes, para compreensão global de um texto.

A essa citação de um texto por outro, a esse **diálogo** entre textos dá-se o nome de **intertextualidade**.

O poema de Gonçalves Dias possui muitas virtualidades de sentido. Entre elas, a exaltação ufanista da natureza brasileira. Para ele, nossa pátria é sempre mais e melhor do que os outros lugares. Os versos do Hino Nacional retomam o texto de Gonçalves Dias para reafirmar esse sentido de exaltação da natureza brasileira. Já os versos de Murilo Mendes citam Gonçalves Dias com intenção oposta, pois pretendem ridicularizar o nacionalismo exaltado que pode ser lido no poema gonçalvino.

Um texto cita outro com, basicamente, duas finalidades distintas:

a) para reafirmar alguns dos sentidos do texto citado;

b) para inverter, contestar e deformar alguns dos sentidos do texto citado; para polemizar com ele.

Em relação ao texto de Gonçalves Dias, o Hino Nacional enquadra-se no primeiro caso, enquanto o de Murilo Mendes encaixa-se no segundo. Quando um texto cita outro invertendo seu sentido, temos uma **paródia**. Os versos do Hino Nacional, colocados no princípio desta lição, **parafraseiam** versos de Gonçalves Dias; os de Murilo Mendes **parodiam-nos**.

Importante:

A percepção das relações intertextuais, das referências de um texto a outro, depende do repertório do leitor, do seu acervo de conhecimentos literários e de outras manifestações culturais. Daí a importância da leitura, principalmente daquelas obras que constituem as grandes fontes da literatura universal. Quanto mais se lê, mais se amplia a competência para **apreender** o diálogo que os textos travam entre si por meio de referências, citações e alusões. Por isso cada livro que se lê torna maior a capacidade de **apreender**, de maneira mais completa, o sentido dos textos.

Texto comentado (Canção do exílio – Murilo Mendes)

Tomando-se os dois versos iniciais isolados do contexto, pode-se pensar que o poema de Murilo vai fazer uma apologia do caráter universalista e cosmopolita da brasilidade, seguindo a linha de glorificação da pátria, que pode ser lida no poema homônimo de Gonçalves Dias, o qual começa com a seguinte estrofe:

*Minha terra tem palmeira,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.*

De *Poemas* (1925-1931)
Fragmento de "Canção do exílio" de Gonçalves Dias

Agora Vejamos o poema de Murilo Mendes:

Canção do exílio
Murilo Mendes

*Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.*

*Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!*

Essa hipótese interpretativa, comparando os versos iniciais de Gonçalves Dias, pode parecer plausível, já que "macieira" e "gaturamos" representam, respectivamente, a vegetação e o reino animal, a "Califórnia" e "Veneza", os elementos estrangeiros presentes em "minha terra". O solo pátrio abriga elementos provindos de outras terras.

No entanto a leitura dos outros versos do texto desautoriza essa hipótese de leitura. As contradições presentes no solo pátrio não têm um valor positivo. Ao contrário, o que se repete ao longo do texto são contradições que não concorrem para enaltecer de forma ufanista a brasilidade, mas para ridicularizá-la.

Analisando os diferentes versos, percebe-se que a cultura brasileira é postiga e abriga uma série de contradições:

- "os poetas são pretos" (elementos de condição social inferiorizada e oprimida).

- “que vivem em torres de ametista” (alienados num mundo idealizado, que não apresenta as mazelas do mundo real; trata-se de uma referência irônica ao Simbolismo e, principalmente, a Cruz e Souza).

- “os sargentos do exército são monistas, cubistas” (os que têm a função de garantir a segurança do território têm pretensões de incursionar por teorias filosóficas e estéticas).

- “os filósofos são polacos vendendo a prestações” (os amigos da sabedoria são prostituídos – polaca é termo designativo de prostituta – pela venalidade barata).

O poeta critica com mordacidade a invasão da pátria por elementos estrangeiros, representados por “Califórnia”, “Veneza”, “monistas”, “cubistas”, “Gioconda”.

O poeta mostra que nem a natureza (v.1-2) nem a cultura (v.3-9) têm um caráter genuinamente brasileiro. O Brasil é uma miscelânea, uma mistura de elementos advindos de vários países.

Ao identificar oradores e pernalongos como os que atrapalham o sono, ridiculariza a oratória repetitiva dos políticos.

O poeta admite que alguma verdade há nas afirmações românticas, mas mostra que a prodigalidade da natureza brasileira não é acessível à maioria da população (v.14). Termina o poema desejando ter contato com coisas genuinamente brasileiras. Seu desejo é, ao mesmo tempo, um lamento, pois o poeta sabe que ele não se tornará realidade.

O texto de Murilo cita Gonçalves Dias com intenções paródicas. Seu texto, diferentemente do poema gonçalvino, não celebra ufanisticamente a pátria, mas ironiza-a, vê-a de maneira crítica. Seu texto não parafraseia o texto de Gonçalves Dias, mas instaura uma visão oposta à dele, estabelece uma polêmica com ele.

Essas diferenças manifestam-se a partir da constituição do espaço do exílio. Em Gonçalves Dias, a terra do exílio, espaço desvalorizado, é um país estrangeiro; em Murilo, o exílio é sua própria terra, desnaturada a ponto de parecer estrangeira (v.10-11).

Fonte: Este texto foi elaborado a partir do original do Prof. Eliorefe Cruz Lima, disponível em: <http://eli39.sites.uol.com.br/intertextualidade.html..htm>

Trechos de Platão & Fiorin. *Para Entender o Texto*. 12ª. ed., São Paulo, Ática, 1996, pp19-22.